

*atlas*  
*de* **RELACÕES**  
**INTERNACIONAIS**

N.º 25

**O SUBCONTINENTE INDU**

DELGADO DE CARVALHO

1 — O Quadro Geográfico. 2 — O Imperativo Geohistórico.  
3 — As Etnias. 4 — Religiões. 5 — Evolução Histórica. 6 —  
Colonizadores Europeus. 7 — O Domínio Britânico. 8 — Es-  
trutura Política. 9 — Vida Econômica. 10 — Cultura Ar-  
tística

**GOA, DIÚ E DAMÃO**

THEREZINHA DE CASTRO

1 — Síntese Histórica. 2 — Síntese Geoeconômica.

**AS DUAS IRLANDAS**

THEREZINHA DE CASTRO

1 — Aspectos Geoeconômicos. 2 — Dualidade Irlandesa. 3 —  
Londonderry: Foco de Resistência.

# O subcontinente

## Indu

DELGADO DE CARVALHO

### 1 — O Quadro Geográfico

A parte central da Ásia Meridional é ocupada pelo subcontinente indiano, situado entre o Iran e a Indochina. A superfície deste grande quadrilátero equivale à metade do território brasileiro; suas diagonais, de cerca de três mil quilômetros quadrados, são aproximadamente iguais.

A sua relativa simplicidade física é compensada pela grande complexidade humana que se reflete na sua história, uma das mais movimentadas do mundo moderno. Cortado em sua maior largura leste-oeste pelo *Trópico de Câncer* é um subcontinente que apresenta os maiores contrastes de habitabilidade. É também a parte do mundo que ofereceu a suas gentes as formas mais misteriosas de animais e plantas para concretizar as suas crenças.

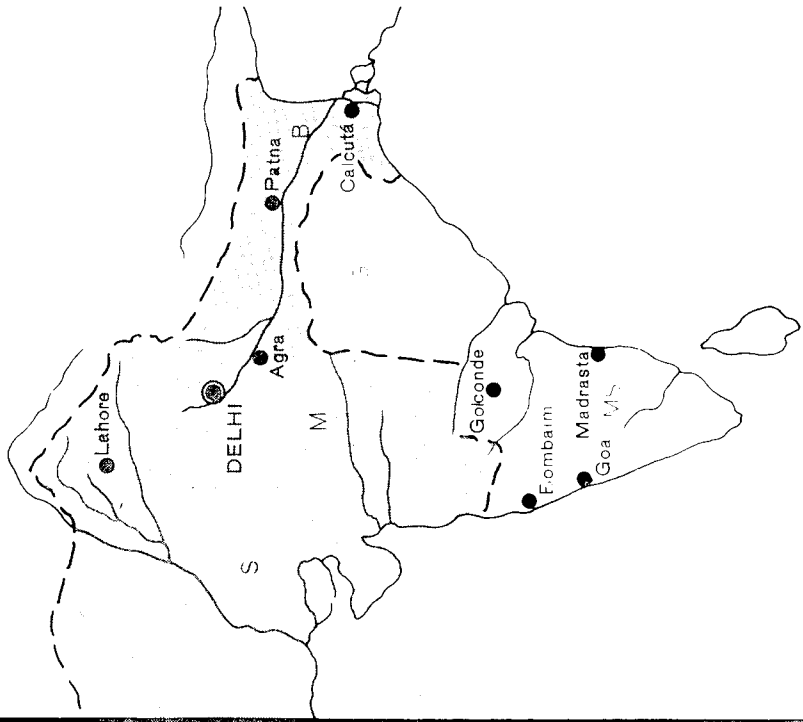
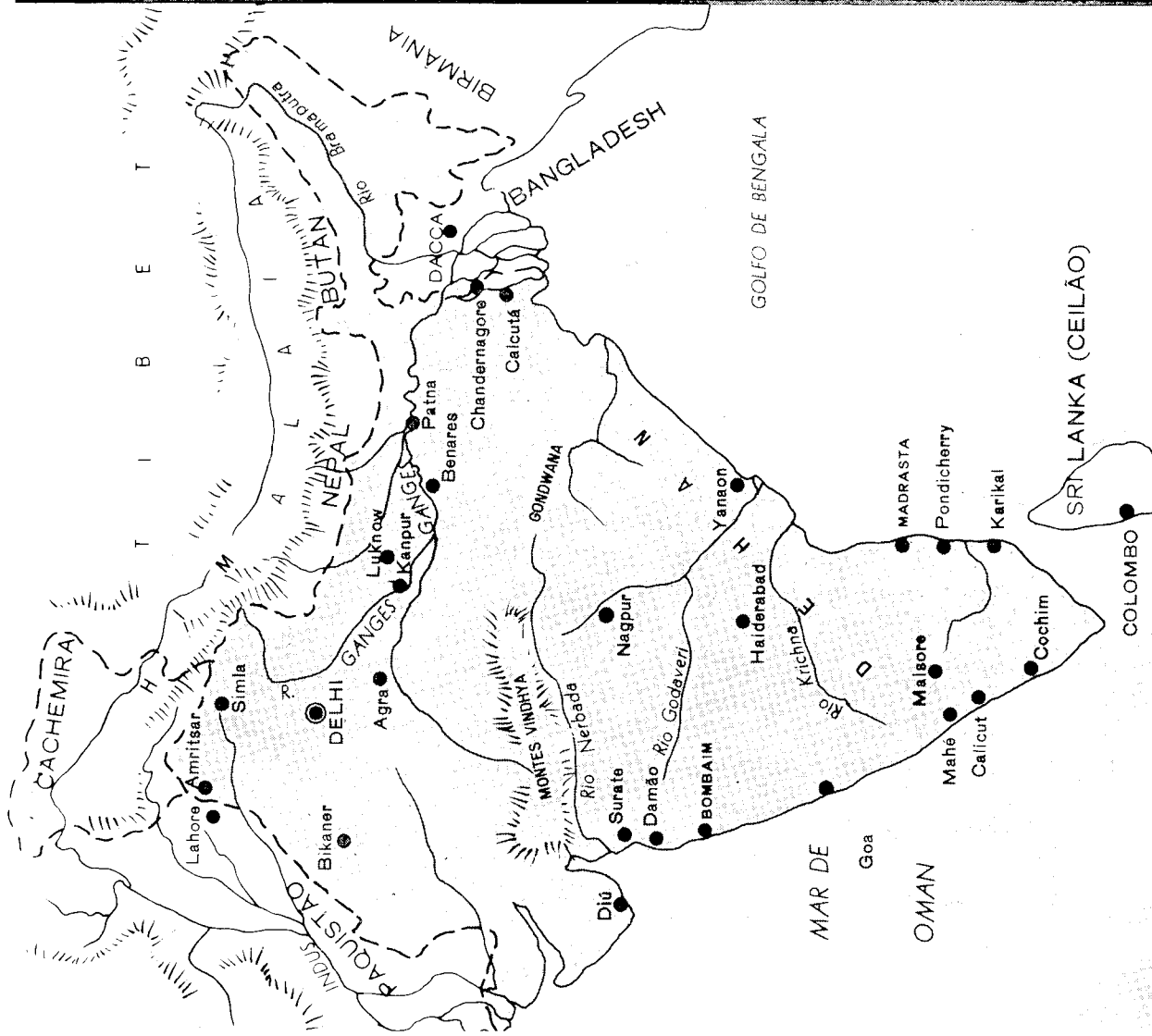
A Índia é formada de três regiões distintas. Em primeiro lugar, a *Índia peninsular* que se afigura como um vasto triângulo entre o cabo Camorim, seu extremo sul, e as bacias do Indus e Ganges. Em segundo lugar, a *planície Indu-Gangética* ou sub-Himalaia que liga a região peninsular à terceira região — o *maciço do Himalaia*. Cada uma das três regiões tem origens diferentes. A mais antiga é a peninsular que nas idades geológicas mais remotas fez parte de um continente ao qual também pertenceram a América do Sul e parte da África — a *Terra de Gondwana*. Era um grande continente *austral* cujas deslocações levaram ondas rochosas contra o continente *boreal* cujo relevo serviu de obstáculo, sobreerguendo suas massas montanhosas em *formas arcadas* tão características dos sistemas do relevo asiático atual.

O obstáculo himalaiano não se eleva bruscamente sobre a planície; é precedido de zonas baixas, argilosas, pantanosas como o *jangal do Terai*, e de uma linha de vales deprimidos. Segue-se uma zona serrana atrás da qual se eleva a orla principal do *Himalaia*, constituindo barreira intransitável, com seus picos de sete a oito mil metros — *Everest-Gaurizankar* — e cerca de vinte passos, todos acima de cinco mil metros, sendo impraticáveis para as comunicações. Assim, a história do subcontinente reflete perfeitamente o papel que coube a esta muralha física no isolamento relativo de seus povos.

A planície Indu-Gangética é resultado de *aluvões* trazidas pelas torrentes fluviais do Himalaia. A planície do *Indus* e a planície do *Ganges* são separadas por fracas altitudes que não alcançam trezentos metros. A parte ocidental norte é chamada a *Terra dos Cinco Rios ou Pendjab*. Na sua parte sul é arenosa e forma as *dunas do Sind* e o *deserto de Thar*. Entre esta região e o *Mar de Oman* estende-se uma área costeira meio desértica, meio pantanosa, freqüentemente submersa pelas águas marinhas levadas pelos ventos. A planície da bacia do *Ganges* é de argilas em longas camadas vermelhas e recebe, na sua parte inferior, as águas do *Bramaputra* cujo vasto delta se combina com o Ganges na planície de *Bengala* orlada pelos duzentos quilômetros de faixa costeira dos *Sunderbans*, no golfo de Bengala.

A *plataforma peninsular* da parte meridional do subcontinente projeta sua massa triangular entre os dois grandes golfos de *Oman* e de *Bengala*. É o molhe cristalino mais antigo destacado da Terra de Gondwana, e apresenta uma peneplanície ondulada com duas orlas montanhosas, uma a oeste, formando ao longo das costas de *Malabar* os *Ghates Ocidentais*, de relevo contínuo, e a outra, ao longo da costa de *Coromandel*, os *Ghates Orientais*. Não são propriamente serras, mas, apenas, orlas do planalto, cujo declive de oeste para leste é direção seguida pelos rios como o *Godaveri*, o *Caveri* e outros. Só no norte do planalto corre o rio *Nerbada* em sentido contrário, ao longo das serrinhas de *Vindhya* que enquadram a parte norte do triângulo peninsular.

Os cinco mil quilômetros de costa do subcontinente apresentam condições similares às costas da Arábia, da África Austral e da Austrália, isto é, um ar de família que caracteriza as vilas litorâneas de todas as partes desligadas da Gondwana. São litorais mal arti-




**IMPÉRIO DO GRÃO-MOGOL**  
**AKBAR**  
 ( 1556 - 1605 )

S Sind M Malva G Gondwana B Bengala MS Maisor

culados, de formas maciças, pouco recortados e dotados de muito poucas ilhas. Destaca-se, entretanto, além do estreito de Palk, a ilha de Ceilão cujo pico ultrapassa 2.500 metros. Testemunhos da antiga ligação com Madagáscar, África e América do Sul, subsistem nas “cem mil ilhas” das *Laque-divas* e *Maldivas*.

A acessibilidade da Índia, por via terrestre, foi sempre um fator no seu relativo isolamento histórico. Ao contornar, o rio *Indus*, as primeiras serras himalaianas, toma a direção sul, recebendo pela margem direita o rio *Cabul*, oriundo das serras do Afeganistão. Aí se localiza o passo de *Khaiber* entre os *Himalaias* e os montes *Suleiman*, abrindo por *Peschaver* o caminho para o *Pendjab*. Entre duas muralhas, uma garganta estreita a mais de mil metros de altitude, foi o caminho quase que exclusivo das invasões que sofreu a Índia. “Nenhum outro passo do mundo — diz a *Enciclopédia Britânica* — jamais possuiu tão grande importância estratégica, nem tão pouco marcou tantas associações históricas, que esta porta das planícies da Índia.”

## 2 — O Imperativo Geohistórico

Mesmo numa sumária descrição física da grande península, impõe-se a sua divisão em duas partes que se refletem na sua geo-história. A parte norte recebeu, em todas as épocas, correntes e grupos humanos que se fixaram nos vales do *Indus* e do *Gangés*, isto é, nas *planícies interiores*. Na parte sul, foram as *praías costeiras* que atraíram mais a humanidade do que o interior planaltino. Por isso, liga-se mais a história do norte aos destinos da *Ásia*, do que o sul, dependente dos progressos da navegação de *regiões não asiáticas*. O *deserto do Thar* foi um dos obstáculos físicos entre o *Pendjab* e o *Rasputana*. O sul era só, em parte, alcançado pelos grandes impérios fundados no norte. Os montes *Vindhya* e o rio *Narbada* limitam horizontalmente em linha oeste-leste o *Decan*; sem serem intransponíveis, apresentam regiões áridas e matas pouco favoráveis à penetração.

“Por outro lado, diz Jean Fournier, os grupos estabelecidos no norte eram *indu-arianos* e tinham recalcado aos poucos para o sul os primeiros habitantes de *raça dravidiana*. A hostilidade entre as duas raças tornava difíceis os contactos que o sistema de castas pouco se prestava a promover; aliás, as religiões das planícies indo-

gangéticas se diferenciaram várias vezes, no decorrer da história, das dos habitantes meridionais” (*Histoire du Commerce* — Tomo III).

Os contrastes entre o norte e o sul, na História da Índia, têm sido tão marcantes que o citado historiador J. Fournier, Professor da Escola de Línguas Orientais, na sua *Histoire du Commerce* dividiu em duas partes a história econômica do subcontinente. A Índia Meridional, por exemplo, teve muito cedo um papel na colonização da *Insulíndia*. Diz, a este propósito, o Dr. Auguste Toussaint: “O centro principal de irradiação indiana foi a região *tamul*, isto é, dravidiana, do sul da Índia. Repelidos pelos arianos do norte da península, os dravidianos tinham-se deslocado completamente para o sul, onde, no princípio da era cristã, verifica-se que existiram três reinos dravidianos particularmente prósperos” (*Histoire de l'Océan Indien*). O citado autor não atribui esta expansão a motivos econômicos, mas a chamados indonésios e indochineses por motivos culturais: o clero indiano gozava de grande reputação para a santificação dos interesses dinásticos. O fato é que a influência foi considerável, como atestam certos monumentos no Camboja e em Java.

A multiplicidade de Estados que se constituíram na Índia e a falta de unidade política, que daí resultou, enfraqueceram a consciência histórica do indiano. Raros são os países que possuem de seu passado maior quantidade de documentos proto-históricos; esta riqueza literária e pitoresca, entretanto, não permitiu compilar e recordar historicamente os acontecimentos. Por isso, foi dito que a Índia Antiga “não tinha história”. Existiu, porém, cerca de três mil anos antes de Cristo uma civilização no *Pendjab* e no *Sind* que só em 1921 foi descoberta em *Mohenjo-Daro* e *Harapa*. Esteve provavelmente em relação com Sumer e a Mesopotâmia. As descobertas revelaram um adiantado grau de cultura material: construções em tijolos, canalização, cidadelas, ruas em xadrez, selos e gravuras, além de objetos que possivelmente mantinham um comércio exterior do qual não foi conservada a história.

Comparada à história da China, que desde a mais alta antiguidade reúne, compila e conserva, cuidadosamente, com datas, detalhes e nomes, toda a sua documentação histórica escrita, a Índia oferece de sua geo-história uma visão confusa de acontecimentos simultâneos em centros políticos diversos, em constante evolu-

ção étnica, religiosa, social e econômica. Em compensação, enquanto todas as grandes civilizações do mundo — egípcia, grega, romana e medievais — evoluíram e desapareceram, a Índia Antiga não só sobreviveu e se desenvolveu, conservando sua originalidade sob a submersão de elementos étnicos estrangeiros, como defendeu as suas características espirituais.

### 3 — As Etnias

A Índia é um subcontinente cujo destino histórico se encontra ligado a um ambiente geográfico de ativa fusão étnica. Foi, de fato, esta  *fusão de capital importância*, mas nunca foi tão completa quanto a que se deu na China, geopoliticamente menos acessível às várias correntes migratórias invasoras. Certo obstáculo à maior fusão era o  *sistema social de castas* que tendia a conservar distâncias sociais.

Os passos do noroeste, na  *região do Khaiber*, foram a porta aberta para os vales e planícies indo-gangéticas. Provenientes de terras asiáticas, pouco favoráveis à vida agropecuária, grupos humanos de diversas etnias procuraram o norte da Índia, chegando em ondas sucessivas que iam repelindo os antecessores ocupantes para o sul, pois os montes Vindhya não eram grandes obstáculos à passagem de movimentos maciços de invasão.

O primeiro elemento étnico que ocupou historicamente a Índia foi o grupo racial  *dravidiano*, de tipo escuro quase negro, de baixa estatura, provavelmente originário dos passos de noroeste. Constituiu o elemento dravidiano, pela sua extensão e ocupação, um tipo fundamental para a fusão de outros elementos invasores como os  *ário-dravidianos* do Pendjab e vale do Ganges, os  *mongóis-dravidianos* do tipo bengali.

O segundo elemento étnico foi o  *indo-ariano*, racialmente e lingüisticamente aparentado ao antigo persa, ao grego, ao romano, ao europeu em geral, por seu aspecto claro, dolicocefalo, peludo. Suas invasões pelo noroeste foram sucessivas, em datas mal conhecidas, por volta de dois milênios antes de Cristo.

Os  *turco-iranianos*, mais numerosos no norte, a oeste da linha do Indus, ocuparam particularmente o Beluchistão. Os  *mongolóides* constituem também um dos fatores de fusão étnica. Prevaleceram nos Himalaias, no As-

san e no Caxemir. A eles sempre se deveu a dificuldade de atribuir limites fixos ao Tibet.

Nesta variedade de etnias, à qual se juntaram outros tipos  *asiáticos e não asiáticos*, destacou-se pela importância de sua cultura, de sua ação social e religiosa, o tipo dito  *indo-ariano* que praticamente dominou o subcontinente e determinou suas principais feições culturais.

### 4 — Religiões

O  *Veda* é o conjunto de textos que representavam a  *religião bramânica*, importada pelos arianos na Índia, e lá desenvolvida durante séculos, com sucessivos acréscimos e alterações. A mitologia é conhecida pelo  *Rig-Veda*, e a especulação religiosa pelos  *Upanishads* ou “Comentários”; os  *Brâmanes* são as minuciosas “explicações” dos ritos, práticas, sacrifícios e oferendas cujo veículo é o  *Fogo*. No panteon védico destacam-se os deuses  *Varuna*, divindade soberana, mantenedora das leis;  *Mitra*, deus dos contratos e o fulgurante  *Indra*. “O homem védico, diz o hinduísta Louis Renou, nada pede além da vida presente. . . não tem clara visão dos eventuais renascimentos.” (L’Hindouisme)

Escapando às tendências do ritualismo védico, afirmou-se a predominância da classe sacerdotal dos  *brâmanes*. Os deuses são hierarquizados e numerosos; entre eles acabam destacando-se:  *Brama*, o elemento criador,  *Vanu*, o conservador do mundo, e  *Siva*, o destruidor. A religião é toda de ritos e não cogita do elemento Fé, que consiste apenas na exatidão ritual. O imperativo moral é praticar obras. Os  *hinos* atestam certo fervor.

Em literatura, os textos sanscriticos constituem a  *Grande Epopéia*, na qual destacam-se os dois grandes poemas: o  *Maha-Barata* que descreve a guerra contra os Baratas, cujo quadro mais conhecido é o  *Bagavad-Gita* (o Canto do Bem-Aventurado) e o  *Ramaiana*, cujo herói Rama reconquista a princesa, sua esposa. São obras de especulação filosófica, mas profundamente imbuidas de vida social.

A feição característica da sociedade hinduísta é a  *Casta*, representante permanente das funções sociais primitivas. A primeira, de essência religiosa, é a casta sacerdotal dos  *brâmanes*, detentores do sacro-poder, de acordo com as  *leis de Manu*. A segunda casta é a dos  *Kshatrias*, os

guerreiros; a terceira é a dos *Vaicias*, agricultores, comerciantes, mais ou menos iguais aos *Kshatrias*; a quarta casta é a dos *Çudras* a serviço das três primeiras, mantidos aparentemente excluídos da religião. A etnia, mais do que a religião, determina esta classificação social. Os *párias* são indivíduos expulsos da sociedade por algum motivo; entre eles existiam os *intocáveis* em termo de desprezo. Quanto às *seitas*, grupos de fragmentação doutrinária, são resultados de movimentos promovidos por personalidades reformistas ou reacionárias; “sem as seitas, diz Louis Renou, dar-se-ia em larga medida a imobilidade e provavelmente a decadência”. Suas características são de ser *çivaitas* ou *visnuitas* principalmente.

A especulação religiosa hindu trata dos problemas cósmicos do Universo, do corpo e da alma, da vida no fim dos tempos, e, destas cogitações, resulta o dogma central da religião bramânica, o *Karman*, força sutil que afeta a alma e a leva a um perpétuo renascimento, seja sob forma humana ou sob forma animal, depois da morte do corpo. O *Karman* (o Ato) segue o homem na sua vida e na sua conduta, castigada ou recompensada, segundo o bem ou o mal que fez. A *transmigração da alma* é infinita e o objetivo da religião é exatamente o de dar acesso à *Libertação*, isto é, de escapar aos laços do *Karman*. A teologia bramânica visa libertar a alma da transmigração (*samsara*) identificando-a ao *Absoluto*.

É exatamente contra esta filosofia bramânica ou hinduista que se levantaram duas religiões dissidentes — o *Janismo* e o *Budismo*. A primeira tem sua cosmologia e sua moral muito estrita, tanto para com os homens como para com os animais. As incertezas e as querelas provocaram cismas que lhe fizeram perder a importância; subsistiam analogias com o Budismo.

Um jovem nobre da região do Nepal, *Saquiãmani*, renunciou à vida mundana para se dedicar à meditação e à vida eremita de sacrifícios e maceações. Sob uma figueira, em Gaya, recebeu a “suprema iluminação” e conheceu o caminho da salvação que livrava o homem do eterno ciclo dos renascimentos. Era ele então o *Buda* que pregava o “aniquilamento do Eu”, isto é, o *Nirvana*. Era uma metafísica negativa à qual se chegava, pela meditação, à *anulação do desejo*, causador da dor e do mal. Pregava Buda a luta contra as paixões, aconselhando a caridade universal em relação a todas as criaturas. Em consequência, o budismo era uma crítica ao bramânismo, ao

qual, aliás, muito devia, mas negava-lhe o direito de manter castas e privilégios civis. As *comunidades budicas* eram constituídas pelos monges de seus numerosos *mosteiros*.

“Em vista da salvação ser efetuada pelos esforços individuais, e sem qualquer interferência divina, diz W. Kelley Wright, o primitivo budismo é por vezes descrito como uma religião ateísta. Nela não há lugar para preces a uma deidade, nem mesmo para o próprio Buda. Só são possíveis a meditação, os exercícios espirituais e prática fiel de preceitos morais. A existência de seres superiores (deuses, anjos, como também demônios) é apenas admitida. Mas nenhum destes, mais do que o homem, pode promover ou restringir o progresso do quem está trabalhando para sua própria salvação” (A Student's Philosophy of Religion). Ao budismo, por consequência, faltou o objetivo de “religar” o homem à divindade, feição esta que caracteriza todas as religiões.

O Budismo é como o Cristianismo, uma religião universal. Depois de conquistar muitas gerações indianas, decaiu no século XIII, mas propagou-se na China, em Java, no Sião, entre os séculos IV e VI, alcançando a Coreia em 372 d.C. e o Japão em 552 d.C. No Tibet, desenvolveu-se sob a forma de *Llamismo* (século IX).

## 5 — Evolução Histórica

Um século depois das expedições feitas na Índia por *Alexandre da Macedônia*, surgia no vale do Ganges o *Reino de Mágada*, ilustrando o grande rei da Família dos *Máuria*, o budista *Açoka*. A Idade Média foi para a Índia uma época obscura, mas, no século IV, deu-se ao que se chamou de *Renascimento Indu*, no governo de *Kaniska*, o “Clóvis do Budismo”. Em 320 iniciava-se o império da *Dinastia Gupta*, com *Chandragupta*, dito rei dos reis. Foi uma fase próspera e culturalmente brilhante, que os *Hunos Brancos* reduziram em 470. O estado de perpétua confusão política era mantido por invasores, por ocasionais imigrações ou por tentativas de domínio pessoal. Era, de vez em quando, suspenso por um príncipe mais feliz que tentava a unificação política em proveito de sua dinastia. Um rajá nortista, *Harcha* (606-647), conseguiu reunir vários reinos e estabelecer relações diplomáticas e culturais com a China e a Ásia Central. Implantou o regime de tolerância religiosa. Com a sua morte, porém,

esfacelou-se novamente a Índia, em pequenos principados. O Decan e o Ceilão prosseguiram na região sul a sua existência política e cultural budista.

A partir do século VIII, começam os árabes a se interessar pelo subcontinente indú. Os primeiros contatos são interessantes; com a cumplicidade budista, em 712, os árabes atacando e ocupando o *Sind*, chegam a Multan. O *Califado de Bagdad* toma então conhecimento da Ciência Hindu. "Sob o Califa Mansur, diz Pierre Meile, sábios árabes trazem da Índia tratados de astronomia em sânscrito, e traduzem-nos para o árabe; no tempo do famoso Harun-el-Rashid, a família Barnak, adotando um nome de origem indiana, desempenha um papel importante na difusão das ciências indus, muito particularmente na Medicina" (*Histoire de l'Inde*). Logo, porém, os invasores muçulmanos não são mais os árabes, mas sim os *turcos*, oriundos do Turquestão, após cruzarem os passos do noroeste. Foi iniciada no século X, em *Gazna*, a monarquia Gaznevida com suas devastadoras incursões pelo norte. Mamud de *Gazna* foi sucedido por *Mohamed de Ghor*, fundador de Delhi em 1193. Seus sucessores tiveram que enfrentar os ataques dos mongóis de *Gengis-Khan*, 1221. O *Sultanato de Delhi* teve uma fase brilhante, embora tivesse sido constantemente ameaçado, através de várias dinastias (*Khalji*, *Tuglac*), para ser finalmente destruída a cidade, pela invasão devastadora de *Tamerlan* (1398).

No fim da Idade Média, a Índia apresentava-se politicamente como a Itália na mesma época, subdividida em reinos e principados; sem que esta falta de unidade, entretanto, representasse declínio de cultura científica ou artística. Os governadores de *Bengala* já se tinham libertado de Delhi, mas cultivavam as artes muçulmanas; *Malva* e *Gugerat* tratavam de embelezar suas cidades; no *Rajputana*, multiplicavam-se os principados indus não muçulmanos; o *Decan* era dividido em dois maiores Estados, destacando-se o de *Vijainagar*, o mais poderoso da Índia no início do século XVI, hoje chamado *Mysore*. Havia sido formado por hindus que escaparam ao domínio muçulmano do norte.

Em 1206, *Kutab*, um aventureiro turco, antigo servo, fundou em Delhi a dinastia dita dos *reis-escravos*. Foi uma época favorável à cultura em que persas, afegans, turcos e mongóis se fundiram no povo *indú*, infiltrando-se assim o maometanismo em *pequenos reinos muçulmanos*, à medida que se ia despregiando o Sultanato de

Delhi. Eram *Estados Centralizados* que procuravam acabar com a anarquia feudal e a preponderância do clero, estabelecendo leis igualitárias, milícias permanentes, divisão do trabalho e progresso cultural. "A Índia queria sair da confusão", diz De la Mairigelière, ao comparar o século XVI na Índia ao que se passava então na Europa.

Uma questão de sucessão na *Dinastia Lodi*, no Sultanato de Delhi, levou o governador do Pendjab a se ligar ao soberano de Kabul *Baber* contra o herdeiro Lodi. Baber era descendente de Tamerlan e, por parte de mãe, aparentado com *Gangis-Khan*; era príncipe de Fergana e conquistador de Samarcanda, no Turquestão. Em 1525, passou o Indus e derrotou o Lodi na planície de *Panipat* (1526), entrando finalmente em Delhi, onde fundou a Dinastia Muçulmana dos *Mogóis*.

Pouco sobreviveu Baber a sua conquista do Rajputana e do Bihar. Seu filho e sucessor teve que sofrer numerosos ataques tanto de seus irmãos como dos afegans partidários dos Lodi. Refugiado no Iran, organizou ele um pequeno exército e reconquistou seu trono, depois de 15 anos de ausência.

★

Coincidiu com esta primeira parte do século XVI a formação do Império Português na Índia. Em 1498, tinha chegado a Calicut, *Vasco da Gama*, depois de contornar o Cabo da Boa Esperança.

Depois do achamento do Brasil, onde tinha sido enviado para tomar posse da terra, *Pedro Alvares Cabral* seguiu para a sua missão nas Índias, chegando a Calicut (13 de setembro) depois de forte tempestade ao contornar a África. Bem acolhido pelo *Samorim*, foi-lhe concedido o monopólio das especiarias e dos aromáticos; visitou em seguida os portos indus da costa do *Malabar*.

Os *mercadores mouros* que neles comerciavam comprando madeiras, fazendas, especiarias e pedras preciosas a encaminhar para Alexandria e Constantinopla, pelo Egito e Sudão, se sentiram prejudicados com a concorrência portuguesa. Por isso, demonstraram esses traficantes, ao *Samorim*, o perigo que corria ao acolher *navegadores cristãos*. Levantou-se assim forte oposição popular chegando não somente a destruir as cargas como também a massacrar portugueses. "Vendo-se traído, diz Theodore Legrand, Cabral embarcou, bombardeou Calicut e, nave-

gando para o norte, chegou a *Cochim e Cananora* cujos rajás, cobiçosos vassalados do Samorim, se tornaram seus aliados e onde pôde estabelecer *feitorias*, criando assim as bases do poderio comercial português no Oriente” (Histoire du Portugal).

Quando Cabral voltou a Portugal, já D. Manuel havia mandado às Índias nova expedição sob o comando de *João da Nova* para que consolidasse as posições adquiridas. Uma segunda viagem de Vasco da Gama foi fundar novos empórios e bombardear novamente Calicut; desta vez, os portugueses iam ser derrotados ao chegar a frota portuguesa de *Antônio de Saldanha*, na qual vinha o famoso *Afonso de Albuquerque*. Por sua vez, *Lopes Soares* reconheceu nas vizinhanças às *ilhas Laquedivas* a frota turca que vinha em socorro de Calicut, repelindo-a.

Em vista da importância que estavam tomando os interesses portugueses na Índia, resolveu D. Manuel nomear *Francisco de Almeida*, Vice-Rei das Índias. As expedições portuguesas, em trânsito, iam ocupando portos na África Oriental (Quilôa, Mombasa) e se instalando nas *ilhas Maldivas*. Outros navegantes portugueses reconheciam então as ilhas de *Ascensão e Santa Helena*, bem como *Madagáscar*. Assim como os mercadores árabes tinham despertado os príncipes asiáticos contra os portugueses, procuraram também os *genoveses, venesianos e pisanos* incitar contra eles o *sultão do Sudão* que se via prejudicado nos direitos cobrados no trânsito pelo Mediterrâneo; assim tornou-se o *mar de Oman* um novo teatro de conflito naval.

O *xá do Gujerat*, apelando para os portugueses, na sua luta contra os turcos e indus, acabou cedendo-lhes *Diû*, que eles fortificaram. A morte em combate do filho de Francisco de Almeida o levou a adotar uma política de represálias, com bárbaras execuções e maior agressividade. Recusou-se a desistir do mando ao acabar o seu triênio e recebeu mal a *Afonso de Albuquerque* que o rei tinha nomeado *Governador da Índia*. Na sua viagem de regresso a Portugal, nas vizinhanças do Cabo, foi morto pelos hotentotes. “Costuma-se opor a sua política à de Afonso de Albuquerque, mas na verdade são complementares. D. Francisco cuidava principalmente do domínio marítimo, ao passo que Albuquerque propunha conjugar a superioridade naval com o apoio de fortes bases terrestres. A obra deste completava,

pois, a obra de seu antecessor” (Elaine Sanceau — Dicionário da História de Portugal).

Coube a Afonso de Albuquerque a organização dos estabelecimentos portugueses na Índia. Uma de suas primeiras operações, depois de ter ocupado *Socotora e Ormuz*, e tentado garantir o estreito de Aden, foi a tomada de Goa, cidade do rei Hidelcão (1510). Logo depois seguiu para *Málaca*, sem esquecer *Ceilão*. Voltando a Goa, fez da praça a capital do poderio português no Oriente. Foi curto porém o reinado de Albuquerque, pois morreu em Goa no ano de 1515, quando já substituído. “Mal com El-Rei por amor dos homens, mal com os homens por amor de El-Rei”, diria ao morrer.

A respeito das concepções coloniais de Afonso de Albuquerque, diz o professor português Antônio Matoso: “Em terra (Albuquerque) apóia o nosso domínio em quatro bases: governo direto sobre os principais centros de comércio — Ormuz, Málaca, Goa — o último dos quais era o fulcro de todo o conjunto, fortalezas nos pontos estratégicos da costa oriental da África e da Índia, como bases navais e para proteger as feitorias; soberania sobre os governantes indígenas nos lugares em que a construção de fortalezas não era praticável; finalmente a colonização do território de Goa por meio de casamento de portugueses e as mulheres indígenas” (História de Portugal — Volume I). O governador luso seguia, pois, o exemplo de Alexandre da Macedônia para lançar bases duráveis para o domínio do oriente. O plano teve um princípio de execução, prosseguido por *D. João de Castro*, quarto governador; estadista, cientista e escritor, modelo de justiça e honestidade, que continuou a obra de seus antecessores (1545-48), auxiliado pela *ação colonizadora de S. Francisco Xavier*. Já então a língua portuguesa, conhecida em todas as escalas da Índia, servia de *língua franca* entre os europeus.

★

No seu exílio de 15 anos, *Humciun* tinha sido acompanhado pelo seu filho *Akbar* que, aos treze anos, o substituiu no trono dos grão-mogóis. Seus primeiros passos no governo eram guiados por *Bairam Khan*, chefe militar de confiança. A monarquia estava então com o seu território bastante reduzido e invadido, e Bairam foi o restaurador da soberania mogol em *Gwalior, Malva* e na região norte, an-



tes de ser dispensado pelo jovem soberano emancipado. Recuperado, sob os persas, o *Kandahar* foi ligado ao *Sind* e o império se estendeu até *Bengala* e os montes *Vindhya*.

A política de Akbar de compromissos, mantendo o equilíbrio entre as forças antagônicas indus e muçulmanas, conseguindo assim a conciliação de nativos. Depois de haver pacificado o norte, interveio no *Decan*, onde, por ter resistido, a princesa *Tchand-Bill* foi assassinada por seus próprios soldados. O território do império mogol foi então dividido em quinze províncias sob a administração de vice-reis.

Akbar revelou-se também hábil administrador, reformando a *legislação penal*, reduzindo a pena de morte, *reorganizando as finanças*, regulamentando a *propriedade imobiliária*, e estabelecendo *taxas proporcionais ao arrendamento das terras*. Espírito culto, Akbar era ambicioso e vaidoso; suas residências riquíssimas, revelavam sua invencível vontade.

A sua *evolução religiosa* foi talvez a feição mais curiosa de seu meio século de governo (1556-1605). Era ele um produto de *complexa formação espiritual*: persa, muçulmana, indu e tártara. Dotado de boa memória, foi sempre ávido de cultura. As religiões passaram a ser para ele pretexto para temas de discussão. Aos poucos foi abandonando a fé islâmica, chegando mesmo a perseguir mesquinamente as manifestações muçulmanas. Quis ouvir a interpretação *católica* e, por três vezes, convidou padres jesuítas a discutir com sábios muçulmanos. Autorizou construção de igreja e fundação de *uma missão cristã*. Cético, a sua tendência era para as crenças persas. Sua morte repentina, em 1605, não deu tempo de escolher. "É justo, concluiu o Padre Váth, que seja saudado nele o maior soberano da Índia". (Histoire de l'Inde et de sa Culture)

O fator histórico que predominou na era dos Grão-Mogóis, não foi a permanente intriga palaciana com as lutas familiares entre candidatos ao trono, mas sim a constante revolta dos indus contra o absolutismo mogol. Aos *rajputanos* em primeiro lugar, aos *maharatas* depois, e por fim aos *persanos* couberam manter a dominação muçulmana em perpétuo estado de guerra, com alternativas, vitórias e derrotas, vencendo finalmente, mas já em fase de decadência.

*Jahangir*, filho de Akbar e de uma indu, indolente e opiófago, deixou-se dominar por uma persa "Luz do Mundo", que encheu a corte de persanos,

lembrando a sua contemporânea Maria de Médicis, pela sua ação em intriga política, mas não conseguiu impedir o advento de *Shá-Jahan* em 1627. Foi este o tipo perfeito do Grão-Mogol que levou ao apogeu a "era mogólica", mas teve que enfrentar uma coligação maharata no *Decan*, e o *Xá da Pérsia* em *Kandahar* (1649). Rodeado de ministros de valor, sua administração foi acertada, embora custosa, com luxo espantoso. Ficou célebre o mausoléu que, em Agra, construiu para sepultar sua esposa: o *Taj-Mahal*, todo de mármore branco e gres róseo. Nem por isso foi feliz, pois doente, foi antecipadamente sucedido pelo filho que o manteve preso numa fortaleza de Agra, até sua morte em 1666.

Durante um reinado de meio século (1658-1707), o novo imperante *Aurengzeb* revelou-se muçulmano intransigente, perseguindo heresias, proibindo discussões religiosas, intolerante e despótico. Sua política religiosa, seus impostos, suas intervenções no *Decan* foram causas da grande reação maharata sob a direção de *Chivaji*. O imperador, embora já idoso, não hesitou em invadir pessoalmente o sul, sofrendo suas numerosas forças guerrilhas impetuosas de rápida cavalaria ligeira. Aos 90 anos morreu em *Amednagar*, em país maharata, depois de haver anexado *Bijapur* e *Golconde* e de muito ter sofrido militarmente, financeiramente e politicamente. Lembra ele, também naquela época, a triste velhice de Luís XIV, seu contemporâneo europeu (1707). Não escapou o país às querelas de sucessão e revoltas de governadores locais, circunstâncias essas que o persa *Nadir-Shá* soube aproveitar, chegando até *Delhi*, na desordem e no esfacelamento do império. A resistência aos persanos pela coligação indu-muçulmana foi derrotada numa segunda *batalha de Panipat* (1761); assim o imperador *Alam II* foi levado a assinar com os ingleses o *Tratado de Alahabad* (1765). Os ingleses se aproveitaram assim da confusão reinante para ocupar a Índia, mas a dinastia mogol só terminou em 1858, com o *Motim Militar* daquele ano.

## 6 — Colonizadores Europeus

A dominação espanhola na península Ibérica, com a união das monarquias, havia dado um termo às *iniciativas portuguesas na Índia*, onde só eram conservadas as posições marítimas de Goa, Diu e Damão; os *holandeses* também se afastaram, procurando no-

vas atividades na Indonésia. Assim, o século XVI viu aparecer outros europeus na Índia, principalmente *franceses e ingleses*. Desde o tempo de Carlos I a *East India Cy* tinha recebido por compra do governo a cidade de *Madrasta* (1639). O grão-mogol Jahandir havia permitido a instalação de comerciantes ingleses no *Surate*. Quanto aos franceses, vinham de Madagascar e da ilha Bourbon, procurando se instalar na costa de *Coromandel*, comprando *Pondcherry* a um príncipe indu (1674).

A *Companhia Francesa das Índias Orientais* e a *Companhia Inglesa*, se tornaram concorrentes, embora atuassem sob *regimes diferentes*. Eram ambas empresas comerciais com suas *feitorias*, seus *agentes* e seu *Conselho*; mas, enquanto os ingleses na Índia se administravam livremente, os franceses eram submetidos a diretores escolhidos pelo rei e se achavam sob dependência direta do governo de Paris.

Subjugados no tempo dos primeiros grão-mogóis muçulmanos, os *príncipes indus* se tinham libertado da autoridade de Delhi; de outro lado, os mogóis desprestigiados não cuidavam de saber quais os estrangeiros que se fixavam nas franjas de seus domínios meridionais (costas de Coromandel e Malabar). Os ingleses, porém, alcançaram *Bengala* e se fortificaram em *Calcutá* (1690). As brigas entre príncipes indus despertaram os interesses estrangeiros.

Os portugueses e os holandeses tinham-se interessado pela Índia, não para lá estabelecer *colônias*, mas sim *feitorias* e *portos militares* para as relações com a Ásia. No século XVII cogitaram, principalmente os ingleses e franceses, de criar *empórios e feitorias para o comércio* e não para guerra, por isso deixaram de despertar desconfiança e hostilidade: a Índia não era nacionalista. Quando Carlos II casou com Catarina de Bragança recebeu de Portugal a importante cidade de *Bombaim* e não hesitou em entregá-la à *East India Cy*. Desenvolvia-se consideravelmente o comércio de importação de produtos indianos na Europa: *panos de algodão, chá, pimenta, madeiras* e várias outras riquezas. Eram obtidas na Índia por preços baixíssimos e vendidas na Europa por preços elevadíssimos; daí resultavam altos dividendos para os acionistas. É verdade, entretanto, que os riscos da navegação eram consideráveis — naufrágios, pirataria e outros perigos. A prosperidade das Companhias era intermitente e precária.

As grandes guerras européias tiveram a sua repercussão nos outros continentes. A *guerra de sucessão da Áustria* (1740-1748) feriu-se principalmente na América do Norte, mas a *guerra dos Sete Anos* (1756-1763), envolveu também a Índia. Duas personalidades se destacaram particularmente no conflito anglo-francês: *Dupleix e Robert Clive*. Os administradores da Índia, em ambos os países interessados foram mal acolhidos em suas respectivas metrópoles.

O francês Dupleix, aos 45 anos, era governador geral da *Compagnie des Indes Occidentales* e obteve sobre os ingleses alguns sucessos (1748), mas estes foram anulados pelo *Tratado de Aix-la-Chapelle*. A sua política consistia essencialmente em tomar partido nos conflitos entre príncipes indianos e, nestas intervenções, ocupar novos territórios. Assenhoreou-se assim do *Carnático* (costa de Coromandel) e da *costa dos Circares*, ocupando *Madrasta* em 1746. Sua influência se estendeu sobre a parte oriental do Decan, situação que muito preocupou a companhia rival inglesa; daí a ação militar de Clive. Não querendo a companhia francesa maiores despesas de defesa e conflitos, foi chamado a Paris o governador ambicioso e substituído por um Diretor da companhia; seus bens foram confiscados, assim como as somas que tinha adiantado. Morreu Dupleix quando ia ser preso. Mais bem sucedido foi o seu rival Robert Clive, que para vingar o caso da morte de 104 ingleses no *Black Hole de Calcutá* (Buraco Preto de Calcutá), infringiu ao *Suraiá* de Bengala a derrota de *Plassey* (1757) sofrida igualmente pelos aliados franceses do déspota indu.

Os sucessores europeus na administração da Índia foram o general francês *Lally Tolendal*, valente, teimoso, culto, mas ignorante das condições da Índia; e o inglês *Warren Hastings*, preocupado em fazer muito dinheiro com violência e peculato, pilhando os tesouros de *Benares* e das *beguns* ou princesas de *Audh*. Ambos, ao voltar às suas respectivas pátrias, foram censurados pelos acionistas e processados pelos seus governos, chegando mesmo o francês a ser condenado e injustamente decapitado, pois mais tarde foi reabilitado por Luis XVI.

Pelo *Tratado de Paris de 1763*, a Inglaterra conservou suas conquistas na Índia, mas a França perdeu sua influência no subcontinente, conservando apenas *Pondcherry, Karikal, Mahé, Yanaon e Chandernagor* que só entregou à Índia em 1951.

## 7 — O Domínio Britânico

Os acontecimentos da Europa, no tempo da Revolução Francesa favoreceram as atividades britânicas na Índia, livrando-as da concorrência européia. Quando Bonaparte estava no Egito, deu-se a tomada de *Seringapatam*, onde *Tipo-Sahib* ainda foi auxiliado pelos franceses. A vitória inglesa, seguida da ocupação de Bengala e do litoral oriental foi devida ao *Marquês de Wellesley* e a seu irmão *Wellington* que iria mais tarde ser o vencedor de *Waterloo*. Passaram então os ingleses a enfrentar unicamente resistências indus.

As conquistas foram sucessivamente resultados de operações militares contra a *Confederação dos Maharatas* (1816-1818), contra os *Gurkas* (1814-1816) e as três guerras da *Birmânia* (1824-1852-1834). Por fim, a guerra contra os *siks* levou à ocupação do *Pendjab* e do *Cachemir*, propiciando ao império anglo-indiano a ser vizinho do *Afeganistão* e a entrar em novos conflitos, só terminados em 1879. Em meados do século, o governador geral *Conde Dalhousie* adotou uma política de anexações com a *teoria do lapse*, isto é, do reino indiano sem herdeiro passar a pertencer à “potência suzerana”, a Inglaterra. Pensava aplicar sua teoria ao próprio Grão-Mogol, mas foi pouco apreciada pelos diretores da Companhia em Londres. Certos príncipes indus julgaram oportuno iniciar a resistência.

Foi nestas condições que surgiu a famosa *Revolta dos Cipaïos*, em 1857. A Inglaterra, com a *guerra da Criméia*, as expedições na China e na Pérsia, conservava então na Índia poucas forças européias, onde mais de 200 mil soldados eram indígenas.

“Como sempre, diz o Prof. Pierre Meile, não se insistiu bastante sobre as causas econômicas e sociais do *Motim*. Anexações de pequenos reinos, como o de *Audh*, tinham deixado no desemprego toda uma série de funcionários e de artesãos, privando-os de seus meios de vida. Indiretamente, indústrias de luxo, às quais a produção das Ilhas Britânicas fazia concorrência, foram muito prejudicadas. Mais grave ainda, como no tempo de *Akbar*, foi a revisão da propriedade imobiliária, em vista de estabelecer ordem fiscal; a Comissão chamada *Inam*, nos cinco anos que precederam o *motim*, só no *Decan*, efetuou vinte mil confiscos; daí um exército de descontentes. A isso, acrescentava-se um mal-estar popular diante das invenções

diabólicas da indústria ocidental”. (*Histoire de l'Inde*) De fato, se algumas usinas algodoeiras e de aço foram montadas pelo capitalismo colonial, eram mantidas na indústria leve de produtos brutos ou semifaturados, para não concorrer com a indústria britânica, que inundava os mercados compradores indianos.

A revolta ou *Motim dos cipaïos*, iniciado em maio de 1857, por três regimentos que tomaram *Delhi* e proclamaram um imperador, durou um ano, mas estendeu-se a *Alahabad* e a *Cawnpore*, onde foram massacrados ingleses. Bengala e *Bombaim*, *Madrasta* e os *Siks* não entraram na revolução. Em junho de 1858 sitiantes e guerrilheiros restabeleceram a paz. Foi dito que a gordura animal, levada à boca dos soldados indus para carregar o fuzil *Enfield*, havia ofendido as suas convicções religiosas e determinado sua revolta.

O *motim* marcou uma data importante na História da Índia; *lord Canning* não quis seguir uma política de represálias, mas o *Indian Act de 1858* suprimiu a velha companhia que tinha administrado a Índia durante dois séculos e meio, entregando à *Coroa* o governo dos territórios britânicos que abrangiam grande parte do subcontinente, subsistindo apenas as monarquias indus sob a *soberania britânica*. Só a 1.º de janeiro de 1877 foi a *rainha Vitória* proclamada *Imperatriz das Índias*, medida política que *lord Disraeli* julgou então acertada. Entre os grandes Estados protegidos pela Inglaterra figuravam o *Rajputana*, o *Maisore*, o *Cachemir*, o *Hyderabad*, o *Gawlior*, o *Travancore* e centenas de principados menores.

Sob o governo de um Vice-Rei, começou então a *Idade de Ouro* do domínio imperial, regime sob o qual a política era determinada pelo *Parlamento de Londres*. Foram então criadas universidades (*Madrasta*, *Calcutá*, *Bombaim*), foram construídas estradas de ferro, abertos canais e açudes, reorganizado o exército sob o comando exclusivamente europeu. Não deixou por isso a produção industrial indiana de continuar prejudicada pelos interesses econômicos da metrópole. As *questões de fronteiras*, na segunda parte do século, levaram a diplomacia britânica a discussões com os *kanatos russos* (*Bukaran*, *Kiva*, *Samarcanda*) com o *Tibet* e com o *Afeganistão*; neste último caso, depois de uma derrota militar em 1874, a situação favorável foi estabelecida pela energia de *lord Roberts* que retomou *Kabul*.

O regime paternalista que passaram a seguir, na segunda parte do século XIX, os vice-reis britânicos, dotou a Índia de um longo período de ordem e de segurança, durante o qual os ingleses aparelharam o subcontinente com todos os elementos de progresso. A própria *língua inglesa* se tornou o indispensável veículo espiritual entre regiões de línguas múltiplas e dialetos diferentes. Este relativo bem-estar, causado pela intercomunicação, permitiu o aparecimento de uma mentalidade nova, cultivada pela *classe dos intelectuais* e dos universitários que ia implantando no meio social idéias liberais e o direito de cada povo determinar os seus destinos. Foi assim que, em 1885, um grupo de intelectuais nacionalistas fundou uma organização denominada o *Congresso Nacional*, assembleia de indus de formação moderna, professores, advogados, jornalistas. Em 1904, por sua vez, os *maometanos* criaram a *Liga Muçulmana*. Em seguida foi declarado pelo Presidente do Congresso o seu objetivo: o *Svarâj*, isto é, a independência da Índia. Os governadores britânicos da Índia julgaram acertado aproveitar a rivalidade indu-muçulmana; *lord Curzon* agravou a situação efetuando a divisão do Bengala que causou distúrbios e mal-estar, apesar da brilhante e humanitária administração deste vice-rei. A derrota russa na sua guerra com o Japão produziu profundo efeito no espírito dos indianos, pois revelava que o homem branco não era invencível perante os asiáticos.

Quando surgiu a Primeira Guerra Mundial, a atitude da Índia foi de absoluta lealdade à Inglaterra, e até mesmo de cooperação. A metrópole, entretanto, desiludiu sua colônia em matéria de concessões liberais, chegando mesmo à política repressiva (*Rowlatt Act*). O mais trágico episódio da situação de após-guerra foi o massacre de centenas de desarmados manifestantes na cidade sagrada de Sikhs, *Amritsar*, em abril de 1919. Este ato infeliz do General Dyer foi objeto de muito variadas explicações (Vide *Padre Vâth — Histoire de l'Inde et de sa Culture*). O lamentável incidente abriu, pode-se dizer, uma nova fase na questão da independência da Índia, pela sua repercussão na opinião pública e nas relações indo-britânicas, de nada servindo o *Indian Act* de 1919.

Surgia então a personalidade de *Gandhi*, um advogado indu de vida simples, mas de grande energia, que passou a incentivar o movimento *swarajista* por meios pacíficos, boicotagem de produtos manufaturados, re-

sistência sem violência, desobediência passiva. Várias vezes preso, *Gandhi* nunca desanimou de obter a revisão do *Indian Act* num sentido mais liberal. A partir de 1925 foi auxiliado por um líder *swarajista*, *Pandit Nehru*. As três mesas-redondas organizadas em Londres, entre 1930 e 1932, de nada adiantaram, servindo apenas para salientar as divergências que surgiam entre indus e muçulmanos. O governo de Londres recusava-se a conceder a categoria de *Dominio* que a Índia reivindicava para ser assimilada, no Império Britânico, ao Canadá ou à Austrália. Um novo *Indian Act* de 1935, alargando o eleitorado nas assembleias provinciais, não obteve ampla cooperação dos indianos. É justo lembrar aqui também que a Índia não se aproveitou das grandes dificuldades que enfrentaram os ingleses na Ásia na Segunda Guerra Mundial, para expulsá-los definitivamente da península. Ao contrário, os indianos auxiliaram-nos na estrada estratégica da Birmânia (1944-45).

As idéias nacionalistas de *Gandhi* eram compartilhadas pelo advogado *Nehru*, mas com menor misticismo na sua interpretação. Tinha estudado também na Inglaterra como *Gandhi*, e tornara-se líder sindical com tendências socialistas. Quando presidente do *Congresso Nacional Indiano*, também foi preso por desobediência civil. Nas discussões, manifestou-se partidário da separação do *Paquistão*. Em 1947, sob o ministério *Atlee* o rei *Jorge VI* assinou o *Ato de Independência da Índia* que finalmente entrou em vigor em janeiro de 1950; as forças britânicas tinham evacuado a Índia em 1948, ano em que foi assassinado *Mahatma Gandhi*.

Ministro das Relações Exteriores da nova República, *Nehru* se tornou na Ásia o líder do *neutralismo*, e tomou parte ativa na formação dos *Pactos de Colombo e de Bandung*, e nos encontros do *Terceiro Mundo*. Morto em Nova Delhi, em 1964, pouco depois era substituído, na delicada missão "política de equilíbrio" no Congresso, por sua filha *Indira Gandhi*. Venceu esta ideologicamente, nacionalizando os bancos do país, alargando o setor público da economia nacional; ganhando finalmente nas eleições passou a promover reformas agrícolas.

O problema capital que enfrentou a administração de *Indira Gandhi* foi a questão da guerra com o *Paquistão*, não só por causa da ocupação do *Cachemir*, como também por ocasião da separação do *Bangladesh* que ocasionou um estado de guerra no qual

acabou vencendo a diplomacia da filha de Nehru que o "Economist" de Londres acabou qualificando de "Imperatriz da Índia".

## 8 — Estrutura Política

A Índia tornou-se uma *República Democrática Soberana* em 1950, de acordo com a resolução ratificada pela Assembléia Constitucional da Índia que se tinha reunido depois da Segunda Guerra Mundial. Esta Conferência dos Primeiros Ministros da *Comunidade Britânica* aceitou por unanimidade a permanência da Índia Republicana na referida Comunidade, ficando a Rainha como símbolo desta associação de nações independentes. A *Constituição* que entrava em vigor a 26 de janeiro de 1950 já recebeu 22 emendas, o que demonstra a complexidade dos problemas que acarreta o novo regime.

A Índia é a *união de 17 Estados e 10 territórios*. Cada Estado é administrado por um governador nomeado pelo Presidente por um mandato de 5 anos, podendo ser suspenso quando violar a Constituição. O presidente do Parlamento é, *ex-officio*, o vice-presidente da República.

O *poder legislativo* é exercido pelo presidente do *Conselho dos Estados* (Rajya Sabha) e pela *Casa do Povo* (Lok Sabha). A primeira Câmara Alta conta cerca de 250 membros dos quais 228 eleitos e os demais nomeados pelo Chefe da Nação. O Conselho dos Estados é corpo permanente e não pode ser dissolvido, mas somente renovado por terços de dois em dois anos. A Casa do Povo conta com mais de 500 membros eleitos por eleição direta.

Cada Estado tem sua legislatura composta de seu governador e de duas Câmaras (Assembléia e Conselho). São corpos legislativos permanentes, não sujeitos à dissolução, mas com renovação por terço a cada ano.

Dois capítulos da Constituição definem os direitos fundamentais do cidadão. A prática da *intocabilidade* é *proibida*, e sob qualquer forma que seja, é severamente punida. Quanto à cidadania é atribuída a todas as pessoas que estavam domiciliadas na Índia no dia 26 de janeiro de 1950: a) nascidas na Índia; b) com parentes nascidos na Índia; c) com residência de mais de cinco anos na Índia. Dispositivos especiais eram aplicados a imigrantes do Paquistão. Além disto, a cidadania pode ser adquirida por registro e naturalização.

O *governo da República* é formado pelo seu *presidente*, assistido por um *Conselho de Ministros*, cujos membros constituem o *Gabinete* (ministro de Estado e ministros-deputados). Perde a categoria de ministro quem não for reeleito numa das *Casas do Parlamento*. O *Primeiro Ministro* é nomeado pelo Presidente, os demais também, embora sob a recomendação do Primeiro Ministro, que atualmente é Indira Gandhi (1966).

A *área da União Indiana* é de 3.000.000 km<sup>2</sup>, e de acordo com o recenseamento de 1961, sua população era de 439 milhões de habitantes; representa um crescimento de 21,64% sobre 1951. A proporção por sexo é de 941 do sexo feminino por 1.000 do sexo masculino.

É pequeno o número de *estrangeiros residentes na Índia*, não chegando a 60 mil pessoas. Por outro lado, os *residentes indianos no exterior* é de cerca de 5 milhões (Guiana, Ceilão, Malaia, África do Sul, Trinidad-Tobago, Birmânia, Maurícia e outros). Na Inglaterra viviam em 1958 cerca de 170 mil indianos.

## 9 — Vida Econômica

É por meio de relações descritas por viajantes estrangeiros, gregos, árabes e chineses que são imperfeitamente conhecidas as atividades econômicas dos *tempos védicos*. Ao lado da agricultura e criação, existia o *nomadismo*, enquanto no artesanato o comércio era de *barganha*. A proto-história de *Mohenjo-Daro*, *Harapa* e do vale inferior do Indus representa uma civilização milenar cujas notáveis feições entraram provavelmente em contato com a Mesopotâmia dos tempos bíblicos.

Na Índia do Norte, o tráfico interior era feito por *caravanas* e as *corporações* apresentavam elementos de organização bancária. Na produção agrícola foi importante o papel que cedo representou a *irrigação*. Nas *castas* eram divididas as profissões. As tradições foram perturbadas pelas invasões muçulmanas, quando começaram a aparecer os grandes *sultanatos* extravagantes e vistosos, exibindo riquezas. Coincidiu esta fase com a *expansão comercial* além das fronteiras para o Afeganistão, cnde era apreciada a musseline das manufaturas de Delhi, que também fabricavam rendas, vidrarias, jóias e tecidos de juta. O *tráfico pelo Cabo da Boa Esperança*

deu grande impulso às exportações indianas para o Ocidente, principalmente nas madeiras, especiarias, marfim, ópio e ouro. No início do século XVI foi introduzida a cultura do café.

A prosperidade econômica da era dos Grão-Mogóis começou a decair no fim do século XVIII. As fomes se multiplicaram; Simone Renou cita a de 1770 em que morreu 1/3 da população de Bengala. Aos poucos, o comércio foi passando para as mãos dos estrangeiros. Os ingleses passam a cogitar da “revolução industrial” e adotam o *protecionismo*. Diz a este propósito Simone Renou: “As iniciativas indianas são desfavorecidas pelas taxas proibitivas e os regulamentos. É o inverso da situação anterior quando a Índia recebia as matérias-primas e exportava produtos acabados; agora exporta algodão bruto e se torna o principal freguês dos tecidos de algodão do Lancashire. A atividade é obrigada a se limitar ao trabalho da terra e ao artesanato que não impedem nem o desemprego nem a miséria” (*L'Economie de l'Inde*). Em compensação, a paz interior assegura então a estabilidade político-administrativa que permite melhoramentos sociais e materiais.

No mundo atual, as populações rurais da Índia se acham agrupadas em aldeias onde continuam existindo castas. Os agricultores são proprietários, rendeiros ou meeiros, que até 1951 estiveram sujeitos ao *zamindar*, sistema de tipo feudal no qual o senhor dispunha da maior parte da colheita, apesar do desenvolvimento das cooperativas, deixando a maioria dos lavradores endividados. A agricultura indiana é de muito baixo rendimento e há a falta de adubos. O seu rebanho bovino de cerca de 200 mil cabeças de gado, *zebus* e *búfalos*, é famélico, grande demais e mal utilizado, sendo usado para puxar máquinas, arados e noras. “Leite e manteiga só são consumidos por uma minoria; mas o induísmo se opõe ao consumo da carne... A criação do gado bovino indiano é sentimental, em nada econômico. Os animais são sagrados” (Max Derneau — Géographie).

O Paquistão cultiva *trigo* e *arroz*, mas o seu consumo exige importação, assim como o *açúcar*. Em compensação exporta *chá*, cultura que data apenas de 1835. De Bangladesh saem dois produtos de cultura industrial — a *juta* e o *algodão*. A União Indiana produz *cereais*, *trigo*, *milho*, *arroz*, *cevada* mas em quantidade insuficiente; tendo que receber *arroz* do Egito e *trigo* da Austrália e dos Estados Unidos. As exportações mais valiosas são o *chá* (45-50

do valor), *minério de ferro*, *têxteis*, *frutas*, *oleaginosas*, *especiarias*, *couros* e *peles*. Quanto às importações são: o trigo, arroz, algodão, petróleo e artigos manufaturados.

A principal indústria indiana é, pois, a agricultura da qual depende cerca de 70% da população. Seu crescimento anual necessário é calculado em 2%. Em seguida, a indústria mais importante é a *fiação* e *tecelagem de algodão*. Entre as indústrias indígenas destacam-se as fábricas de *tecido de seda*, *tapetes*, trabalhos em *madeiras* e em *metais*. Entre os minérios explorados destacam-se a *bauxita*, o *romo*, o *carvão*, o *cobre*, o *manganês* e o *ferro*. A siderurgia tem-se desenvolvido principalmente na região do rio Damodar, no baixo Ganges, onde a base de *Jamshedpur* dispõe das instalações e dos recursos mais modernos (hospitais, obras sociais, universidades, habitações operárias e parques).

O governo indiano segue uma política econômica que visa a um “modelo socializante” de sociedade. Transportes, armamentos, energia atômica são *monopólios do Estado*. Certas categorias de indústrias, siderurgia, construção naval e mineração só podem ser estabelecidas pelo Estado. A indústria privada aliás, pode contar com incentivos fiscais. Desde 1951 a União tem aplicado sucessivamente *Planos Quinquenais*, embora a tradição da não-violência de Gandhi se imponha mais por *persuasão* do que por *constrangimento*.

## 10 — Cultura Artística

Os vestígios mais remotos da arte indiana não vão além do século III a.C., considerando-se o século XIII de nossa era como o de seu gradual desaparecimento. Esta arte, além do subcontinente indiano, estendeu-se para o *Ceilão*, *Java*, *Birmânia* e *Indochina*. Diz a *Grammaire des Styles* de Henri Martin que os caracteres gerais que podem ser atribuídos à arte indiana são a originalidade, a variedade e o misticismo; nem por isso é claro e ordenado. Sua arquitetura, por vezes, desafia a lógica e seus *templos monolíticos* cavados no granito desafiam a imaginação. Certas obras artísticas podem parecer extravagantes se não são levados em conta os ensinamentos religiosos do bramanismo e do budismo.

Em arquitetura, a Índia apresenta dois gêneros de arte: a *budista* e a *bramanista*. Os edifícios búdicos são de três espécies: *stupas*, *templos* e

*mosteiros*. O primeiro é destinado a receber reliquias, comportando monumentais portões de pedra imitando portas de madeira com arquiveladas salientes de ambos os lados; são os chamados *Forans*. Os templos, como os mosteiros, são cavados na rocha; sua planta lembra as igrejas ocidentais; a iluminação se faz pelas portas de entrada. O principal grupo de templos búdicos está perto de Bombaim.

Os tipos de arquitetura bramanista variam segundo a região; seus templos não são cavados na rocha, embora sejam bem elevados. No norte da Índia, foram numerosos os templos construídos no século VI. Os edifícios são encimados por pirâmides arredondadas cortadas em cotilóides; no alto aparecem como almofadas achatadas em elipsóide denominadas *amolakas*, encimadas por vasos. São freqüentes as torres oblongas superpostas. No noroeste, encontram-se em lugares elevados, templos inteiramente de mármore com pilastras ortogonais esculpidas.

A propósito da arquitetura na Índia Central, diz a *Grammaire des Styles*: "É em Ellora que se encontra o trabalho mais extraordinário da arquitetura indiana, nos dois templos de *Indra* e de *Kailassa*. Estes dois templos não são hipogeus, são enormes monólitos. Num bloco de granito de 30 metros de altura, indus, com incansável paciência, recortaram aos poucos estes dois templos vasando o granito, trabalho de gigantes que não tem equivalente em nenhuma época da história da arte."

A arquitetura do sul da Índia, chamada *dravidiana*, é a mais bela e mais interessante. Os templos bramanistas compreendem vários recintos: o peristilo com uma estátua do deus, a sala dos peregrinos, o santuário com a alta pirâmide e os tanques sagrados. A curiosidade está na variedade de pilastras; algumas são tão maciças e largas que delas sobressaem esculpidos cavalos, estátuas e outros ornamentos salientes. O chamado *gorupam*, porta monumental, com imensa profusão de figuras emaranhadas é próprio da

Índia do Sul; no templo de *Madura*, o *gorupam* mede 47 metros.

A arquitetura civil ainda apresenta algumas habitações primitivas e alguns palácios. *Gwalior*, por exemplo, data do século XV; tem aspecto de castelo forte, com torrinhas. É tipo indo-muçulmano.

A *escultura* é a realização artística que mais se presta a revelar o *simbolismo místico dos indus*, já que é para eles mais obra de imaginação do que de observação ou de raciocínio científico. Neste setor de arte, o budismo teve um papel mais importante do que o bramanismo. Na escultura budista primitiva, a apresentação do *Buda*, tida como sacrilégio, era apenas representado o seu *Tridente*, símbolo da trindade budista (*Buda*, sua lei e seus discípulos); é freqüentemente visto este símbolo no alto dos torans. Depois da conquista de Alexandre da Macedônia, a arte grega passou a influir, por meio de seus artistas gregos que ousaram representar *Buda*. Foi porém fraca a influência desta *arte greco-búdica*, por faltar simpatia entre as duas correntes artísticas.

O período de *escultura búdica* propriamente dita, começou no século IV, destacando-se pela beleza mística atribuída a todas as representações do *Buda*; sua face, suas atitudes e gestos simbólicos de mediador, de mestre, de confortador e de iluminado — gestos representados pelas posições das mãos.

Contrariamente à escultura búdica feita de calma e recolhimento, a *escultura bramanista* é exuberante, variada e violenta. Representa *Brama* com 4 cabeças e 4 braços, rodeado de objetos simbólicos — vasos, dísticos, clavas. As cenas épicas opõem-se cenas graciosas, representando *Vichnu* e *Siva*. Na escultura ornamental, figuram em baixos relevos, cenas naturais, animais e freqüentemente monstros.

Da época dos grão-mogóis não pode ser esquecida a inspiração persa na mesquita de *Lahore*, no *Taj-Mahal* de mármore branco de Agra.

(abril de 1973)

# Goa, Diú e Damão

THEREZINHA DE CASTRO  
Geógrafa do IBGE

## 1 — Síntese Histórica

Enquanto na primeira metade do século XV, procuravam os portugueses um caminho marítimo para as Índias, que os levasse a uma rota segura das especiarias, tornada precária através do Mediterrâneo, suas expedições tratavam de adquirir ouro na costa da Mina e da Guiné.

Em 1498, ultrapassando o cabo da Boa Esperança, Vasco da Gama atingia Calicut na Índia; esse acontecimento mudava toda a base da expansão comercial portuguesa, visto que o objetivo principal passaria a ser *as especiarias*. Só o carregamento de pimenta feito pela armada de Vasco da Gama, que não foi dos maiores registrados, cobriu 60 vezes o custo da expedição descobridora. O preço do produto que ficaria estabilizado na Europa em 30 cruzados por quintal, era adquirido na Índia por 2 cruzados. Esses lucros fabulosos, que não eram obtidos com o pau-brasil encontrado na possessão portuguesa da América, desviaram *as atenções de Portugal para o Oriente*.

Outro fator a esse se juntava. É que Veneza, detentora do monopólio desse comércio, via Mediterrâneo, sofreria com isso grande crise, muito maior do que a que lhe causaria a tomada de Constantinopla pelos turcos. Assim, com o fito de desalojar os portugueses da posição vantajosa que haviam adquirido, era organizada em 1509 *uma esquadra árabe-veneziana-índiana*, que Francisco de Almeida destruiu nas imediações de Diú. Tendo em vista essa rivalidade, *para conservar o controle da rota das especiarias, Goa era capturada* no ano seguinte, isto é, em 1510.

Em meados do século XVI, os portugueses exerciam o controle de todo o Oceano Índico, desde a África Orien-

tal até a Indonésia, dilatando-se mais tarde, com a posse de Macau.

Além de ter que manter esse *vasto arco de bases navais*, dentro do qual se encontravam *Goa, Diú e Damão*, em cujas imediações indus e muçulmanos viviam em freqüentes guerras, teve na América que colonizar a costa brasileira, para não perdê-la ante os ataques de piratas e entrelopos estrangeiros.

Na Índia sofreriam também os portugueses cercos estrangeiros. Para melhor se fortalecerem, além de Goa, ocupavam como pontos estratégicos também Diú e Damão. *Conquistada a praça de Damão em 1534*, por Martim Afonso de Souza, que já havia tido sua experiência no Brasil, suportaria *Diú, anexada no ano seguinte (1535)*, dois grandes cercos (1538 e 1546), nos quais se imortalizaram como defensores: Antônio da Silveira, D. João de Mascarenhas e D. João de Castro.

Enquanto no Brasil, o expansionismo português para o interior iria sendo aos poucos posto em prática, na Índia, os estabelecimentos de Goa, Diú e Damão se manteriam acanhados, encurralados no oceano Índico. No entanto, por mais de 400 anos conseguiram os portugueses se manter nesta área.

Pelo Decreto de 1.º de Dezembro de 1869, Goa, Diú e Damão que até então haviam vivido como *Distritos Administrativos*, uniam-se, passando a se constituir no *Estado Português da Índia*. Em dezembro de 1961, *Nehru mandava invadir esses estabelecimentos* para anexá-los à Índia em 14 de março de 1962.

Reclamando sempre na ONU, *continua o governo português a não reconhecer a anexação de Goa, Diú e Damão*; mantendo por isso os 10 Representantes da Índia Portuguesa entre os demais, junto ao governo português. Mantém-se firmes, baseados no texto da *Resolução Sobre o Ultramar Português* (1542-XV-transmissão de informações do artigo 73.º e Carta da ONU), que inclui os territórios de Goa, Diú e Damão como Estado da Índia Portuguesa, ao lado dos demais unidos à Portugal.

## 2 — Síntese Geoeconômica

O *Estado da Índia Portuguesa* formado pelos territórios de Goa e Dependências de Diú e Damão, abrange uma área total de 3.983 km<sup>2</sup>, equiva-



SIND

RAJPUTANA

Baroda

Surate

DAMÃO

Bombaim

GHATES OCIDENTAIS

OCEANO INDICO

Jaipur

DIU

Laquedivas

Calicut

COSTA OCIDENTAL DA ÍNDIA

ÍNDIA

PORTUGUESA

(EM 1961)

ESTADO DE GOA

MAPA ORGANIZADO POR: TEREZINHA DE CASTRO — 1973

Div. Ed. D—pms:

ILHA DE DIU

JUNAGAR

SIMBOR

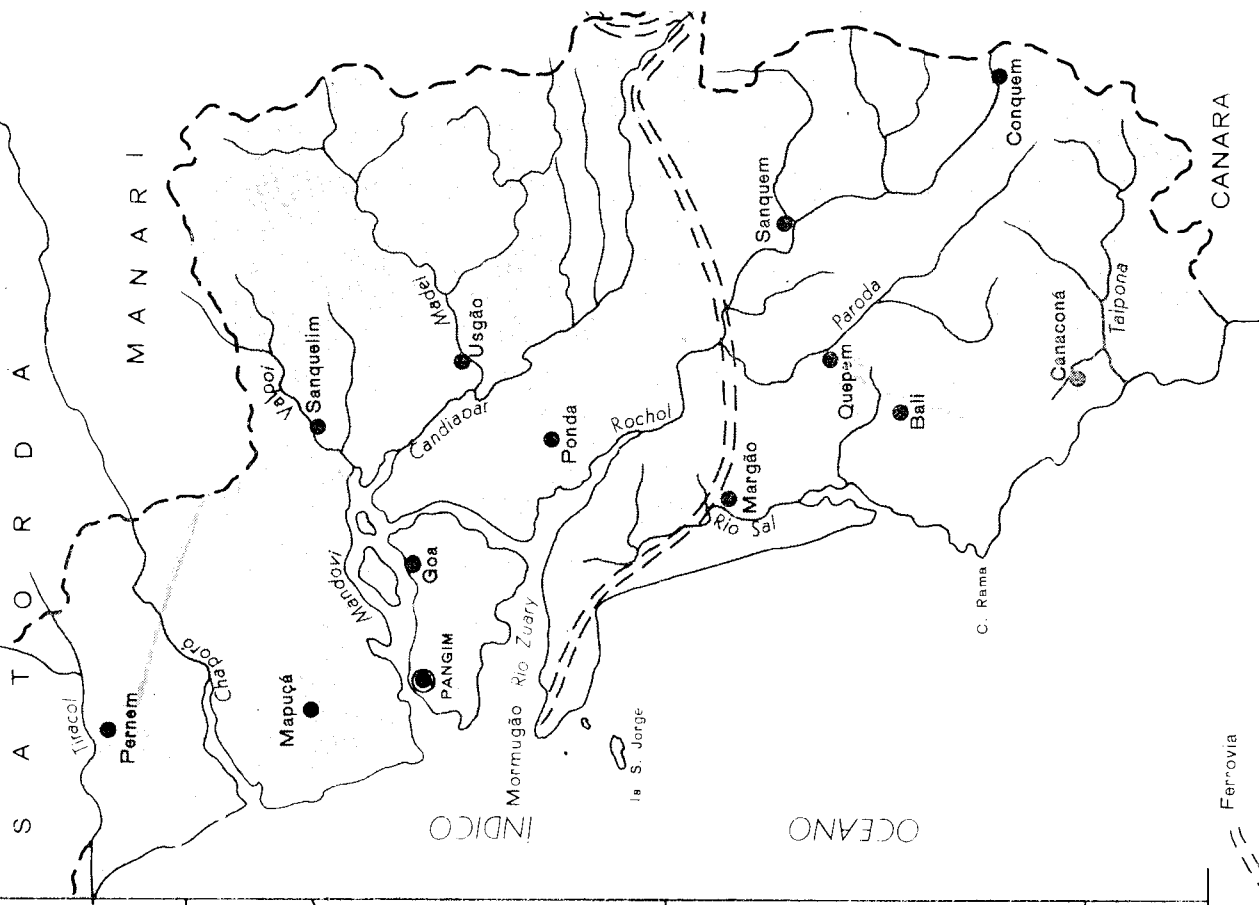
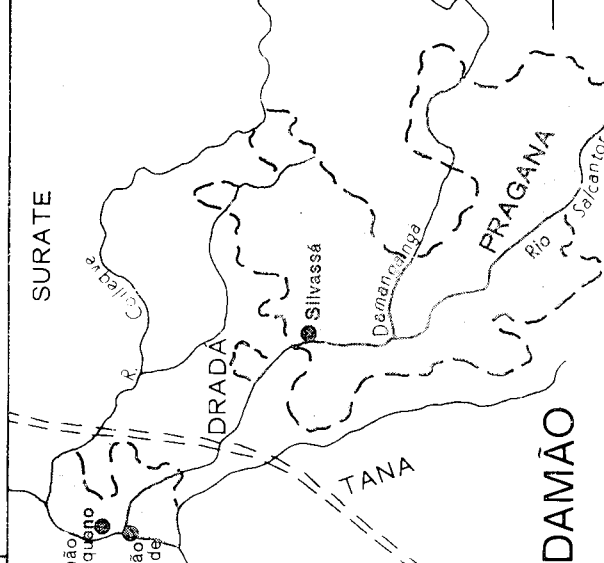
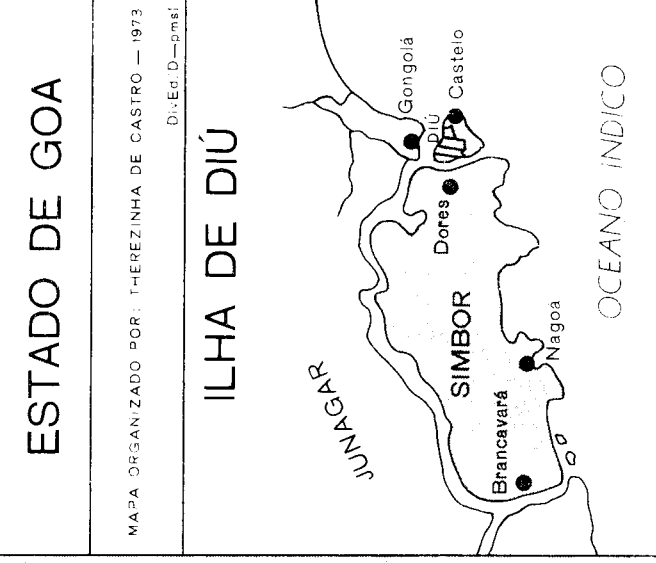
OCEANO INDICO

SURATE

DRADA

TANA

DAMÃO



lendo ao dobro do nosso Estado da Guanabara (1.356 km<sup>2</sup>), assim distribuído:

Goa	3.400 km <sup>2</sup>
Damão	545 km <sup>2</sup>
Diú	38 km <sup>2</sup>

Localiza-se Goa na costa oeste da Índia, ocupando 92 km de litoral em linha reta, para uma profundidade máxima de 50 km. Trata-se de *estreita região de planície* limitada ao norte pelo rio *Tiracol* e *contrafortes dos Ghates Ocidentais* que continuam através do leste e sul, e com o *oceano Índico* no oeste.

Toda a *região é bastante úmida*, embora as estações mais secas se acentuem à medida que caminhamos para o norte. Tal clima fez com que se desenvolvesse em Goa a *produção do arroz*; além dos *coqueirais*, estendem-se os *bosques onde se explora boa madeira*. Ao lado da *copra, ferro e mangânês*, o *sal* se constitui em grande riqueza regional.

Seus rios principais, o *Mandavi* e *Zuari*, formam respectivamente os *estuários de Pangim e Mormugão*, ambos unidos por um braço de mar, transformando a península que os separa na *ilha de Goa*. Nessa ilha, se encontra a *velha cidade de Goa*; quando de sua conquista, por Afonso de Albuquerque em 1510, passou, como metrópole do Império Português do Oriente, a ser o *principal centro comercial entre o leste e oeste*. Na época da Dinastia Kachamba (II a.C. — XIV a.C.) já era no entanto, próspera cidade comerciante nesta costa indiana. Restaurada pelos portugueses, que lhe deram o seu toque ocidental, chegou a ter cerca de 100 igrejas; no Mosteiro do Bom Jesus veneravam os cristãos o *túmulo de São Francisco Xavier*, o jesuíta-apóstolo do Oriente.

Abandonando a cidade de Goa, procuraram os portugueses melhor posição no estuário do Mandovi. Surgiu assim *Nova Goa ou Pangim* a cerca de 8 km para o oeste, que se tornou, em 1843, residência dos Vice-Reis e capital da Índia Portuguesa.

*Mormugão* é o melhor porto de pesca e comércio de Goa, na área situada entre Bombaim e Calicut. Como principal centro nas comunicações marítimas, os portugueses transformaram-no em ponto terminal de uma ferrovia que após atravessar 80 km do território goês, se une a rede indu em Castle Rock.

Era Goa o mais importante e povoado território da Índia Portuguesa; quando, em 1962, foi anexado por Nehru possuía 625.800 habitantes, dos quais mais da metade eram católicos.

*Damão*, dividida em Pequena e Grande pela foz do rio *Damangangá*, foi elevada a categoria de cidade em 1616. Como Dependência da Índia Portuguesa, compreendia além do território litorâneo de Damão, também o *Dradá* e o *Pragana*, separados entre si e encravados em território indiano; Dadrá se encontrava também isolado de Damão, entre os quais passava a ferrovia Bombaim-Baroda.

O Pragana, cujo principal núcleo populacional é *Silvassá*, era o mais produtivo dentre os três territórios; cultivava-se aí o *arroz*, criava-se *gado* e explotava-se o *sal*.

Como Dependência também da Índia Portuguesa, *Diú* dividia-se em três distritos. Na terra firme, denominada *Simbor*, isolada pelos rios *Chassi* e *Patelbará*, vivia-se da *pesca e exploração do sal*. Além do distrito formado pela *península de Gongolá*, destacava-se a *ilha de Diú*, com a cidade do mesmo nome, defendida por um castelo forte.

(março de 1973)

# As duas Irlandas

THEREZINHA DE CASTRO  
Geógrafa do IBGE

## 1 — Aspectos Geoeconômicos

Sendo a mais ocidental das Ilhas Britânicas, está a Irlanda separada da Grã-Bretanha pelo mar da Irlanda, que se comunica com o oceano Atlântico através dos canais do Norte e São Jorge; medindo o primeiro em sua largura mínima 23 km e o segundo 75 km.

Com o litoral bastante recortado, apresenta-se este, na parte ocidental e setentrional, abrupto e irregular com muitas penínsulas e promontórios montanhosos, entre os quais se abrigam as baías de Donegal, Galway e Shannon. Já na parte oriental alternam-se relevo acantilado e praias, localizando-se aí os portos de Belfast, Dublin e Wexford.

Seu clima úmido e temperatura suave (média de 5.º no inverno e 18.º no verão), bem como a natureza calcária do terreno, proporcionam à ilha abundância de prados permanentes, daí o seu nome *Erin* que significa verde.

Graças a distribuição uniforme das chuvas, o sistema fluvial irlandês apresenta-se com regime regular. Destaca-se aí o rio mais largo das Ilhas Britânicas — o *Shannon*, com 407 km de percurso; corre de norte para o sul alimentando várias bacias lacustres entre as quais a do *Allen*, *Ree* e *Dergh*, para banhar, ao desembocar, a cidade de *Limerick* (Luimneach, em irlandês), centro de indústria e comércio, e bastante célebre no passado por ter sido o centro de irradiação dos vikings, os verdadeiros descobridores da América.

No norte da ilha corre o rio *Bann*, escoadouro do lago *Neagh* (396 km<sup>2</sup>) o maior da região, de forma quadrangular, ligado pelo canal do *Ulster* ao *Erne Superior* e *Inferior*.

O rio *Boyne* drena a parte oriental da planície, passando ao desembocar pelo pequeno porto de *Drogheda* que se encontra a 40 km ao norte de Dublin, e de cujas muralhas do século

XVII os irlandeses resistiram aos ataques das tropas inglesas de Cromwell e Guilherme I; beneficia-se ainda esse porto com as proximidades de *Dundalk*, importante centro ferroviário na linha *Great Northern* que liga Dublin a Belfast.

Para o sul convergem os rios *Barrow*, *Nore* e *Suir*. No *Suir*, *Waterford* (Lairge, em gaélico), é porto de importância graças a indústria têxtil e de conservas (o bacon, principalmente). Ainda nessa zona meridional encontra-se o porto de *Cork* (Corcaigh, em gaélico) florescente colônia comercial dinamarquesa nos séculos IX e X; sendo no século XII das primeiras cidades irlandesas a ser conquistada pelos ingleses. Domina hoje rico hinterland agropecuário, possuindo indústria naval, mecânica e refinaria de petróleo.

Na Província de *Connaught* são também numerosos os lagos, dentre os quais o *Corrib*, em terreno calcário é o mais digitado. Nesta região se encontram dois importantes portos de pesca da Irlanda. O de *Galway* (Gaillimh, em gaélico) manteve no passado intenso intercâmbio com a Espanha, conservando ainda a influência ibérica em suas construções mais antigas; mais ao norte, na baía de Donegal, o porto de *Sligo* (Sligeach, em irlandês).

Observando-se o conjunto de lagos (*loughs*), rede fluvial e canais navegáveis, numa extensão de 1.500 km, vemos que é bem favorecido o intercâmbio interior na Irlanda.

Uma grande planície central ondulada ocupa a maior parte da ilha, oscilando sua altitude dos 15 aos 105 metros sobre o nível do mar. Nas bordas dessa planície, no sudoeste, noroeste e leste, grupos orográficos vão dos 600 até 1.175 metros no *Carrantuoh*, ponto mais alto da ilha.

De noroeste a sudoeste tem a Irlanda 497 km, com pouco mais que a distância Rio—Belo Horizonte (482 km), tendo em sua largura máxima, de leste para oeste, 280 km. Sua superfície é de 84.397 km<sup>2</sup>, menor que o nosso Estado de Pernambuco (98.895 km<sup>2</sup>); desse total, 68.895 km<sup>2</sup> correspondem à República da Irlanda, e 13.746 km<sup>2</sup> compoem a chamada Irlanda do Norte.

Sob o ponto de vista administrativo a Irlanda se divide em 4 Províncias: *Munster*, *Leinster*, *Connaught* e *Ulster*. A República da Irlanda (*Eire*) abrange “de jure” toda a ilha, porém “de facto” o nordeste, integrado por “6 Condados” se constitui na chamada Irlanda do Norte (*Ulster*).

A Irlanda do Norte, ou enclave britânico do Ulster conta com 1.480.000 habitantes; vivendo na República da Irlanda 2.910.000 pessoas. Mal distribuída, a população se concentra em torno das cidades de *Dublin* e *Belfast*.

Banhada pelo rio Liffey, a cidade de *Dublin* (Baile-Atha-Cliath, em irlandês) se estende pelas duas margens desse curso fluvial, sendo por isso servida por numerosas pontes. Localizada na Província de Leinster, é a capital da República da Irlanda. Seu excelente porto tem papel ativo nas comunicações entre a ilha e a fachada ocidental da Grã-Bretanha. Já *Belfast*, localizada no fundo de uma ria, capital da Irlanda do Norte, se beneficia por sua maior proximidade com a Escócia.

As línguas faladas na ilha são o irlandês e inglês, notando-se, no entanto, que a primeira esteja paulatinamente perdendo a sua força numérica em favor da segunda. O catolicismo é o credo religioso da quase totalidade da ilha (93%), enquanto os 7% restantes se repartem entre as várias seitas protestantes.

Como 45,2% da superfície da Irlanda possui prados e pastos naturais, a criação de gado (bovino e ovino preferentemente), constitui a principal fonte de riqueza local. Nestas condições, cerca de 25% da população do Ulster vive em fazendas, sendo de 40% essa cifra na República da Irlanda; a maioria das fazendas têm mais ou menos 30 acres. Por outro lado, a batata, aveia e linho se constituem nas principais riquezas agrícolas. As finíssimas fibras de linho e a apurada criação de ovelhas dão a indústria irlandesa, nestes tecidos, grande fama mundial.

Se nesse estudo econômico geral sobre a Irlanda fôssemos nos deter apenas no Ulster, notaríamos que aí a agricultura é ineficaz e pouco produtiva, enquanto a indústria se encontra reduzida; tudo isto em função da luta pela unificação da ilha, influenciando para a fuga das companhias inversionistas.

## 2 — Dualidade Irlandesa

Na Irlanda, as lutas culturais e posteriormente religiosas, apresentam períodos alternados desde o século XII; datam, portanto, da época em que a Irlanda caiu pela primeira vez sob domínio inglês, quando um exército de 400 arqueiros e cavaleiros desembarcou na costa ocidental. De início, a situação não se apresentou tão difícil, visto que

cs senhores irlandeses viviam, de um modo geral, soberanos em seus próprios feudos.

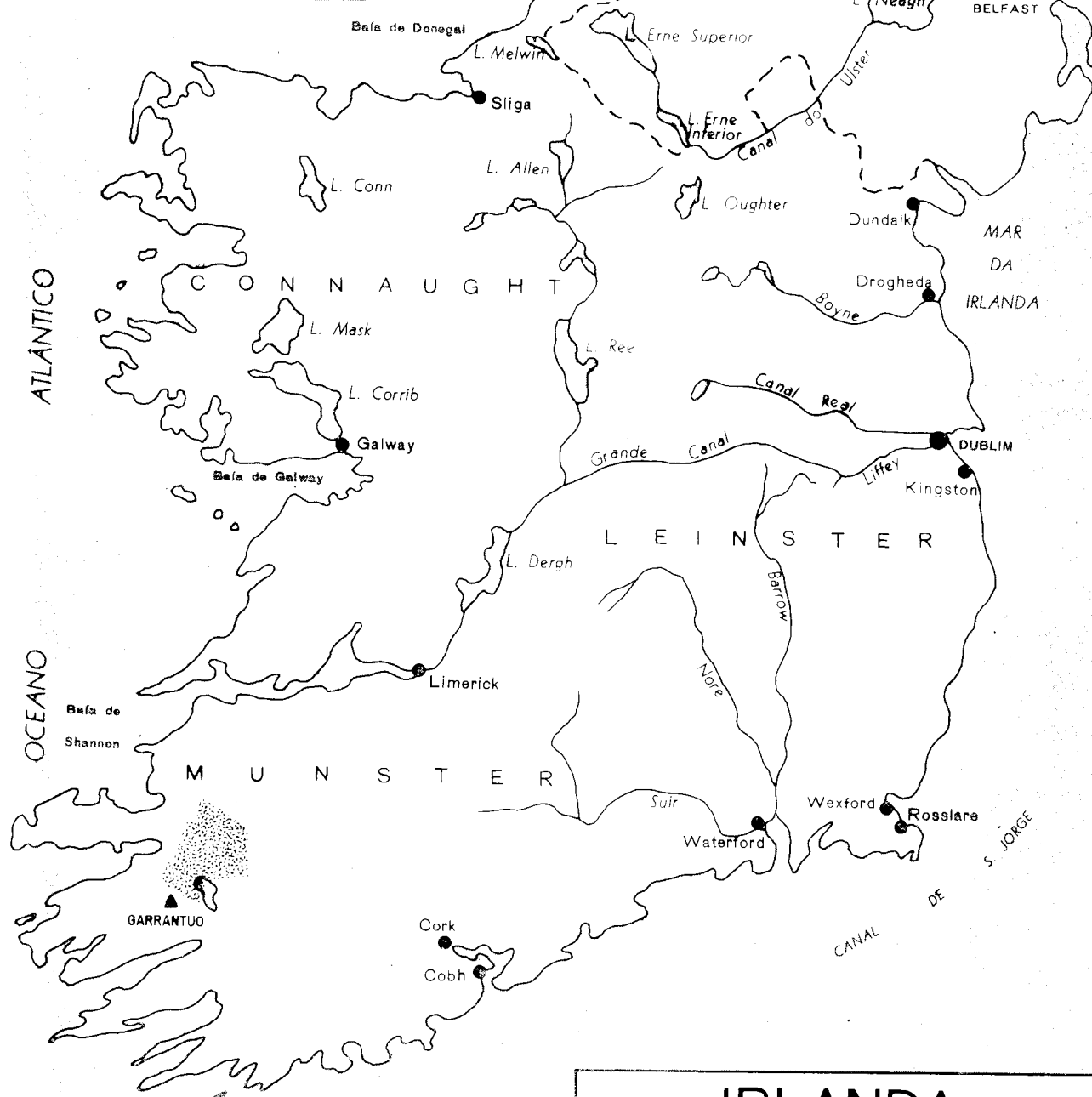
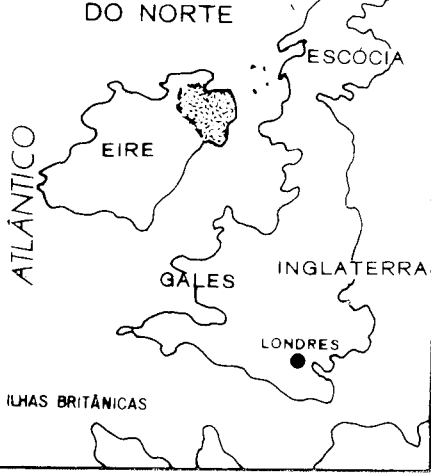
Com a centralização do poder, e conseqüente implantação do absolutismo, a conquista da Irlanda tornou-se um dos sonhos de Henrique VIII, realizado por Elizabeth I. Já então o movimento reformista havia atingido a Inglaterra; os irlandeses eram católicos e foram insuflados contra a rainha por Felipe II da Espanha (1595), que antes tentara invadir a Inglaterra com a sua "Invencível Armada". Apesar de toda a resistência do chefe irlandês Hugh O'Neill, em 1602 toda a ilha caiu sob o domínio da Inglaterra.

As revoltas que se seguiram obrigariam os ingleses protestantes a iniciarem a denominada colonização do Ulster, em princípios do século XVII. Esse período, para Conor Cruise O'Brien, político militante em Dublin, se assemelha a uma política maquiavélica que acabaria por encerrar a raiz de todo o ódio que se vem propagando nos últimos tempos pela Irlanda. Diz esse nosso contemporâneo que: "a relação dos novos colonos com aqueles que eles despojaram para ocupar seus lugares é muito semelhante a dos árabes e israelenses na atualidade".

Escudado no ódio religioso, Jaime, o Pretendente, eliminado da sucessão ao trono inglês por ser católico, escolheu a Irlanda como trampolim para atacar a Guilherme III (de Orange). A vitória de Guilherme III se constituiu no triunfo do protestantismo, e seus adeptos se mantiveram intransigentes na defesa de suas prerrogativas sobre a dos católicos.

Sob o ponto de vista político, a intransigência do governo de Jorge III havia sido fatal à Inglaterra, que perdia suas 13 colônias da América, que para se livrarem do monopólio comercial haviam se tornado independentes sob o nome de Estados Unidos. Por isso, Jorge IV (1820-1830) procurou dar mais atenção às reivindicações da Irlanda; neste governo, Daniel O'Connell, deputado irlandês, conseguiu do Parlamento o Ato de Emancipação (1829), suprimindo qualquer distinção entre católicos e protestantes.

Graças ao Ato de Emancipação, a Irlanda havia obtido liberdade religiosa, já que era habitada por maioria católica, embora os irlandeses continuassem despojados de suas terras pelos ingleses, os "colonizadores". Por isso, a região sofreu novas ondas de terrorismo e alastrou-se a fome, do que resultou um surto de emigração em massa para os Estados Unidos;



# IRLANDA

MAPA ORGANIZADO POR: THEREZINHA DE CASTRO — 1973

DivEd/D—pms1

desse país os irlandeses passaram a sustentar revoluções contra a Inglaterra. O verdadeiro *movimento de libertação* teria início em 1875, mas só em 1912 conseguiram os separatistas a "Home Rule", que dava autonomia à Irlanda.

Contra o estabelecimento de um governo católico irlandês, surgiria a oposição no Ulster, onde predominavam os protestantes ingleses. Assim, em 1914, dando como causa os perigos da Primeira Guerra Mundial, a "Home Rule" seria suspensa. Inconformados, os irlandeses se revoltam, levando os ingleses a reprimirem duramente o movimento.

Para lutar contra a Inglaterra nasce então o *Exército Republicano Irlandês* (ERI), em atividade até os nossos dias.

Fimda a Primeira Guerra Mundial, a Irlanda conseguia separar-se da Inglaterra sob forma de república; não conseguia, no entanto, arrastar o Ulster que se mantinha unido à Grã-Bretanha. Contra a independência da Irlanda nada fizera a Inglaterra; uma repressão por parte dos ingleses, naquela época, só serviria para comprometer o país com os Estados Unidos e alguns de seus Domínios, onde viviam minorias irlandesas. Nestas condições, Lloyd George reconheceria o *Estado Livre da Irlanda* em 1921.

No entanto, a partir daí a Irlanda passava a ter dois Parlamentos, ambos subordinados ao inglês: o do norte, com capital em Belfast, capital da Província do Ulster, dominado pelos protestantes; o do sul, militando em Dublin, dominado pelos católicos e desenvolvendo toda atividade nacionalista.

Tal situação mediadora não agradaria de todo aos separatistas convictos, já que mantinha teoricamente uma lealdade por parte do Estado Livre para com a Coroa Inglesa.

Nestas condições, embora os anos que se seguiram fossem de aparente tranqüilidade, o sul dedicou-se a forjar uma nação. Dentro desses planos nacionalistas, em 1948, o sul rompia o último laço que unia a região com a Inglaterra, com a proclamação da soberania e independência da República da Irlanda (Eire).

Restava por em prática o ideal da reunificação da Irlanda; o "Exército Republicano Irlandês", que havia condenado a luta em prol da independência, passaria a clamar pela recuperação do Ulster. Para essa organização, uma Irlanda dividida em áreas de predomínio do catolicismo e protestantismo

não poderia coexistir. Apelando para a violência, o ERI foi proscrito por lei, mas continuou a agir, pois os sucessivos governos de Dublin, embora apelassem sempre para a moderação, não conseguiram sustê-lo a ação. Desejavam os governos moderados estabelecidos no sul que a reunificação se fizesse de modo pacífico, no momento em que os do norte, vendo prosperar a república, manifestassem o desejo livre da integração.

Assim, constitucionalmente, o Ulster continua a fazer parte do Reino Unido, recebendo subvenções que atingem a 250 milhões de dólares anuais. Já a agricultura é ineficaz e pouco produtiva, enquanto a indústria se vê num horizonte reduzido, pois o mar da Irlanda continua a ser um obstáculo tanto sociológico quanto geográfico a influir na fuga de capitais.

Nessa região setentrional irlandesa os católicos constituem apenas 1/3 da população, embora se apresentem mais prolíficos. As crianças católicas e protestantes vivem segregadas, estudando em escolas separadas. A representação parlamentar católica é pequena, sendo notório o predomínio protestante também na administração interna. Os Conselhos Municipais dão prioridade aos protestantes na aquisição de casas próprias construídas pelo Estado; os patrões preferem dar empregos aos protestantes, para melhor protegerem seus correligionários de fé.

### 3 — Londonderry: Foco de Resistência

Diante das desigualdades, os católicos do norte protestam contra a situação a que chamam de "cidadania de segunda classe". Caberia assim a Londonderry iniciar o movimento de protesto em outubro de 1968, seguindo exemplo dos ativistas negros dos Estados Unidos. Formava-se então a *Derby Civil Rights Association*, para exigir reformas da igualdade civil e do sistema parlamentar, que estabelecendo o sistema de distritos eleitorais só faz por proteger os candidatos protestantes.

Londonderry, porto importante no estuário do Toyle e centro industrial, foi sempre foco de resistência anti-britânica desde o passado remoto. É a segunda cidade do Ulster, vivendo nela 60% de católicos; apesar dessa maioria, é governada pelo Partido de Unidade Protestante. O predomínio dessa minoria protestante é exercida em virtude de sistema eleitoral especial que dá a

essas áreas densamente povoadas por católicos menor representação no município que as de escassa povoação. Em contrapartida, a discriminação religiosa faz com que em Londonderry haja um índice de desemprego de 18%, quando o de toda a Inglaterra seja de apenas 2%.

Embora o governo de Londres se mostre propenso a fazer concessões aos católicos, a oposição, representada pelos protestantes da "linha dura", liderados pelo *Reverendo Ian Paisley*, fundador da Igreja Presbiteriana Independente do Ulster, não permite. Acredita essa "linha dura" que as reformas pretendidas representem o primeiro passo para subjugar os protestantes, a fim de conduzir o Ulster a se unir com a república católica do sul.

Como as reformas exigidas vêm se arrastando lentamente, no Parlamento londrino, tendo à frente a *jovem Deputada Bernadette Devlin*, os católicos iniciam uma onda de protesto que o ERI completa com ações terroristas. De seu lado, os partidários protestantes de Paisley resolveram também pegar em armas gerando o caos no Ulster.

A violência obrigaria tropas inglesas a desembarcarem em agosto de 1969 nessa parte conturbada da ilha, transformada num campo de batalha entre católicos e protestantes.

Diante do impasse, a Inglaterra tem dois caminhos a seguir: ceder as reformas exigidas pelos católicos e permitir a reunificação da Irlanda; ou prosseguir na luta, repetindo o grito de batalha — "sem rendição" — dos

seguidores extremistas de Paisley. Enquanto não se resolve o impasse, registra-se o *profundo abismo entre as duas Irlandas*: católica e protestante... a inglesa e a irlandesa.

O *plebiscito* realizado em março de 1973 teve como resultado a *permanência do Ulster como enclave inglês na Irlanda*. A luta porém continua, pois o referido ato não pôs fim a questão.

Publicado ainda em março de 1973, o *Livro Branco* sobre a Irlanda, temendo descontentamentos, reforçou a Inglaterra a prontidão dos 17.500 soldados seus que servem no Ulster. Um dos líderes protestantes da Irlanda, *William Craig*, declarou de imediato o "Livro Branco" como inaceitável, ameaçando categoricamente: "nós tudo faremos para que ele não possa ser posto em prática".

Prevê a *nova regulamentação*, um *Partido Provincial para o Ulster*, o denominado *Stortmont*, com 80 membros eleitos por representação proporcional; reservando-se por outro lado, o *Parlamento Inglês*, o direito de legislar sobre todas as questões que digam respeito ao Ulster, sendo suas decisões prioritárias em relação às do "Stortmont". Prevê ainda, a nova regulamentação, um *sistema de consultas permanentes entre Belfast e Dublin*, para, numa maior cooperação, porém fim as ondas de terrorismo. Acredita, por fim, a Inglaterra, que o "Stortmont" irá conseguir uma maior autonomia para a minoria católica residente no Ulster.

(março de 1973)